

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
O VENDEDOR DE PASSADOS

TUSQUETS
EDITORES

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

09	Um pequeno deus noturno
15	A casa
21	O estrangeiro
29	Um barco cheio de vozes
35	Sonho nº 1
39	Alba
43	O nascimento de José Buchmann
53	Sonho nº 2
57	Um esplendorio
63	A filosofia de uma osga
69	Ilusões
73	Na minha primeira morte eu não morri
77	Sonho nº 3
83	Espanta-espíritos
89	Sonho nº 4
93	Eu, Eulálio
97	A chuva sobre a infância
105	Entre a vida e os livros
109	O mundo pequeno
117	O lacrau
121	O Ministro

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

- 127 Um fruto dos anos difíceis
133 Sonho nº 5
141 Personagens reais
147 Anticlímax
155 As vidas irrelevantes
159 Edmundo Barata dos Reis
167 O amor, um crime
181 O grito da buganvília
185 O mascarado
189 Sonho nº 6
197 Félix Ventura começa a escrever um diário

TUSQUETS
EDITORES

**UM PEQUENO DEUS
NOTURNO**

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Nasci nesta casa e criei-me nela. Nunca saí. Ao entardecer encosto o corpo contra o cristal das janelas e contemplo o céu. Gosto de ver as labaredas altas, as nuvens a galope, e sobre elas os anjos, legiões deles, sacudindo as fagulhas dos cabelos, agitando as largas asas em chamas. É um espetáculo sempre idêntico. Todas as tardes, porém, venho até aqui e divirto-me e comovo-me como se o visse pela primeira vez. A semana passada Félix Ventura chegou mais cedo e surpreendeu-me a rir enquanto lá fora, no azul revoltado, uma nuvem enorme corria em círculos, como um cão, tentando apagar o fogo que lhe abrasava a cauda.

— Ai, não posso crer! Tu ris?!

Irritou-me o assombro da criatura. Senti medo, mas não movi um músculo. O albino tirou os óculos escuros, guardou-os no bolso interior do casaco, despiu o casaco, lentamente, melancolicamente, e pendurou-o com cuidado nas costas de uma cadeira. Escolheu um disco de vinil e colocou-o no prato do velho gira-discos. *Acalanto para um rio*, de Dora, a Cigarra, cantora brasileira que, suponho, conheceu alguma notoriedade nos anos setenta. Suponho isto a julgar pela capa do disco. É o desenho de uma mulher em biquíni, negra, bonita, com

umas largas asas de borboleta presas às costas. “Dora, a Cigarra – Acalanto para um Rio – O Grande Sucesso do Momento.” A voz dela arde no ar. Nas últimas semanas, tem sido essa a banda sonora do crepúsculo. Sei a letra de cor.

*Nada passa, nada expira
O passado é
um rio que dorme
e a memória, uma mentira
multiforme.
Dormem do rio as águas
e em meu regaço dormem os dias
dormem
dormem as mágoas
as agonias
dormem.
Nada passa, nada expira
O passado é
um rio adormecido
parece morto, mal respira
acorda-o e saltará
num alarido.*

Félix esperou que, com a luz, se apagassem também as últimas notas do piano. A seguir, girou um dos sofás, quase sem fazer ruído, de forma a ficar voltado para a janela. Por fim, sentou-se. Esticou as pernas num suspiro:

— Pópillas! Pois vossa baixeza ri-se?! Extraordinária novidade...

Pareceu-me abatido. Aproximou o rosto e vi-lhe as pupilas raiadas de sangue. O bafo dele envolveu-me o corpo. Um calor azedo.

— Péssima pele, a sua. Devemos ser da mesma família.

Estava à espera daquilo. Se conseguisse falar, teria sido rude. O meu aparelho vocal, porém, apenas me permite rir. Assim, tentei atirar-lhe à cara uma gargalhada feroz, algum som capaz de assustá-lo, de afastá-lo dali, mas consegui apenas um frouxo gargarejo. Até à semana passada, o albino sempre me ignorou. Desde essa altura, depois de me ter ouvido rir, chega mais cedo. Vai à cozinha, retorna com um copo de sumo de papaia, senta-se no sofá e partilha comigo a festa do poente. Conversamos. Ou melhor, ele fala, e eu escuto. Às vezes, rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade. Nas noites de sábado, não em todas, o albino chega com uma rapariga pela mão. São moças esguias, altas e elásticas, de finas pernas de garça. Algumas entram a medo, sentam-se na extremidade das cadeiras, evitando encará-lo, incapazes de disfarçar a repulsa. Bebem um refrigerante, golo a golo, e a seguir despem-se em silêncio, esperam-no estendidas de costas, os braços cruzados sobre os seios. Outras, mais afoitas, aventuram-se sozinhas pela casa, avaliando o brilho das pratas, a nobreza dos móveis, mas depressa regressam à sala, assustadas com as pilhas de livros nos quartos e nos corredores, e sobretudo com o olhar severo dos cavalheiros de chapéu alto e monóculo, o olhar trocista das bessanganas de Luan-da e de Benguela, o olhar pasmado dos oficiais da Marinha portuguesa nos seus uniformes de gala, o olhar alucinado de um príncipe congolês do século XIX, o olhar desafiador de um famoso escritor negro norte-americano, todos posando para a eternidade entre molduras douradas. Procuram nas estantes algum disco,

— Não tens cuduro, tio?,

e como o albino não tem cuduro, não tem quizomba, não tem nem a Banda Maravilha nem o Paulo Flores, os grandes

sucessos do momento, acabam por escolher os de capa mais garrida, invariavelmente ritmos cubanos. Dançam, bordando curtos passos no soalho de madeira, enquanto soltam um a um os botões da camisa. A pele perfeita, muito negra, úmida e luminosa, contrasta com a do albino, seca e áspera, cor-de-rosa. Eu vejo tudo. Dentro desta casa, sou como um pequeno deus noturno. Durante o dia, durmo.

TUSQUETS
EDITORES

A CASA

TUSQUETS
EDITORES

Trecho anticipado para divulgação. Venda proibida.

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança. A Velha Esperança traz às vezes um dos netos mais pequenos. Transporta-os às costas, bem presos com um pano, segundo o uso secular da terra. Faz assim todo o seu trabalho. Varre o chão, limpa o pó aos livros, cozinha, lava a roupa, passa-a a ferro. O bebê, a cabeça colada às suas costas, sente-lhe o coração e o calor, julga-se de novo no útero da mãe, e dorme. Tenho com a casa uma relação semelhante. Ao entardecer, já o disse, fico na sala de visitas, colado às vidraças, vendo morrer o sol. Depois que a noite cai, vagueio pelas diferentes divisões. A sala de visitas comunica com o jardim, estreito e maltratado, cujo único encanto são duas gloriosas palmeiras imperiais, muito altas, muito altivas, que se erguem uma em cada extremo, vigiando a casa. A sala está ligada à biblioteca. Passa-se desta para o corredor através de uma porta larga. O corredor é um

túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir, à sala de jantar e à cozinha. Esta parte da casa está voltada para o quintal. A luz da manhã afaga as paredes, verde, branda, filtrada pela ramagem alta do abacateiro. Ao fundo do corredor, do lado esquerdo de quem entra, vindo da sala, ergue-se com esforço uma pequena escada em três lances quebrados. Subindo-a, chega-se a uma espécie de mansarda, que o albino pouco frequenta. Está cheia de caixotes com livros. Eu também não vou lá muitas vezes. Morcegos dormem nas paredes, de cabeça para baixo, embrulhados nas suas capas negras. Ignoro se as osgas* fazem parte da dieta dos morcegos. Prefiro continuar sem saber. O mesmo motivo – o terror! – impede-me de explorar o quintal. Vejo, das janelas da cozinha, da sala de jantar ou do quarto de Félix, o capim crescer bravio por entre os roseirais. Um imenso abacateiro levanta-se, frondoso, precisamente ao centro do quintal. Há ainda duas nespereiras, altas, carregadas de nêspersas, e uma boa dezena de papaieiras. Félix acredita no poder regenerador das papaias. Um muro alto fecha o jardim. O topo do muro está coberto por cacos de vidro, em cores variadas, presos com cimento. Daqui de onde os vejo, lembram-me dentes. Este feroz artifício não impede que, vez por outra, meninos saltem o muro e roubem abacates, nêspersas e papaias. Colocam uma tábua sobre o muro e depois alçam o corpo. Parece-me uma tarefa demasiado arriscada para tão escasso proveito. Talvez não o façam para provar as frutas. Creio que o fazem para provar o risco. Amanhã o risco há de, talvez, saber-lhes a nêspersas maduras. Imaginemos que um deles venha a tornar-se sapador. Neste país, não falta trabalho aos sapadores. Ainda ontem, vi, na televisão, uma reportagem sobre o

* Osga: lagartixa.

processo de desminagem. Um dirigente de uma organização não governamental lamentou a incerteza dos números. Ninguém sabe, ao certo, quantas minas foram enterradas no chão de Angola. Entre dez a vinte milhões. Provavelmente, haverá mais minas do que angolanos. Suponhamos, pois, que um desses meninos venha a tornar-se sapador. Sempre que ras-tejar através de um campo de minas, há de vir-lhe à boca o remoto sabor de uma nêspira. Um dia, enfrentará a inevitável questão, lançada, com um misto de curiosidade e horror, por um jornalista estrangeiro:

— Em que pensa enquanto desarma uma mina?

E o menino que ainda houver nele responderá sorrindo:

— Em nêspiras, meu pai.

A Velha Esperança, essa, acha que são os muros que fazem os ladrões. Ouvi-a dizer isso a Félix. O albino encarou-a, divertido:

— Querem lá ver que tenho uma anarquista em casa?! Daqui a pouco descubro que anda a ler Bakunin.

Disse isso e não lhe prestou mais atenção. Ela nunca leu Bakunin, claro; aliás, nunca leu livro nenhum, mal sabe ler. Todavia, venho aprendendo muita coisa sobre a vida, no geral, ou sobre a vida neste país, que é a vida em estado de embriaguez, ouvindo-a falar sozinha, ora num murmúrio doce, como quem canta, ora em voz alta, como quem ralha, enquanto arruma a casa. A Velha Esperança está convencida de que não morrerá nunca. Em 1992 sobreviveu a um massacre. Tinha ido a casa de um dirigente da oposição buscar uma carta do filho mais novo, em serviço no Huambo, quando irrompeu (vindo de toda a parte) um forte tiroteio. Insistiu em sair dali, queria regressar ao seu musseque, mas não a deixaram.

— É loucura, velha, faça de conta que está a chover. Daqui a pouco passa.

Não passou. O tiroteio, como um temporal, foi ficando mais forte, mais cerrado, foi crescendo na direção da casa. Félix contou-me o que aconteceu naquela tarde:

— Veio uma tropa fandanga, uma malta de arruaceiros bem armados, muito bebidos, entraram pela casa à força e espancaram toda a gente. O comandante quis saber como se chamava a velha. Ela disse-lhe: *Esperança Job Sapalalo, patrão*, e ele riu-se. Troçou: *a Esperança é a última a morrer*. Alinharam o dirigente e a família no quintal da casa e fuzilaram-nos. Quando chegou a vez da Velha Esperança, não havia mais balas. *O que te salvou*, gritou-lhe o comandante, *foi a logística. O nosso problema há de ser sempre a logística*. Depois, mandou-a embora. Agora, ela julga-se imune à morte. Talvez seja.

Não me parece impossível. Esperança Job Sapalalo tem uma fina teia de rugas no rosto, o cabelo todo branco, mas as carnes mantêm-se rijas, e os gestos são firmes e precisos. Na minha opinião, é a coluna que sustenta esta casa.